

INTERVENÇÃO EDUCATIVA PARA A PROMOÇÃO DA RESILIÊNCIA EM ADOLESCENTES DE ESCOLAS PÚBLICA E PRIVADA

Francisca Samara Silveira Barreto¹
Liana Querén Alves Lima Silva²
Francisco Anderson Santos Lima³
Edna Johana Mondragón Sánchez⁴
Patrícia Neyva da Costa Pinheiro⁵

RESUMO

A resiliência está relacionada à habilidade que cada pessoa tem em dar um sentido produtivo, positivo, recompensador e orientado aos objetivos da sua vida, lidando com adversidades e dificuldades inevitáveis da existência humana. É considerada um processo de construção importante na vida de cada um para o enfrentamento de experiências negativas e manifestação de resposta positiva. O objetivo deste estudo é analisar os efeitos do Programa de Intervenção na Promoção da Resiliência: Ultrapassar Adversidades e Vencer Desafios, com adolescentes escolares. Trata-se de um estudo de intervenção realizado em duas escolas, uma da rede particular (E1) e uma da rede pública (E2) da cidade de Fortaleza. A população foi composta por adolescentes de ambos os sexos, na faixa etária de 14 a 17 anos, devidamente matriculados no 2º ano do Ensino Médio. Analisando a Escala de Resiliência de Wagnild; Young (1993), que foi adaptada e traduzida por Pesce e colaboradores (2005), observou-se que os adolescentes mais resilientes são da escola particular, do sexo feminino e os considerados menos resilientes são da escola pública, predominantemente do sexo masculino. Em ambas as escolas houve maior prevalência de respostas com maior escore no domínio “Resolução de Valores”, demonstrando determinação e motivação entre os adolescentes.

Palavras-chave: Saúde do Adolescente, Resiliência Psicológica, Promoção da Saúde.

INTRODUÇÃO

Os conceitos de resiliência relacionam-se a habilidade que cada indivíduo tem em dar um sentido produtivo, positivo, recompensador e orientado aos objetivos da sua vida, lidando com adversidades e dificuldades inevitáveis da existência humana (NICOLL; NICOLL, 2015).

¹ Graduanda do Curso de Enfermagem da Universidade Federal do Ceará- UFC, barabarreto@gmail.com;

² Graduanda do Curso de Enfermagem da Universidade Federal do Ceará- UFC, lianaaqueren123@gmail.com;

³ Graduando do Curso de Enfermagem da Universidade Federal do Ceará- UFC, andersonsantoslimal123@gmail.com;

⁴ Doutoranda do Curso de Enfermagem da Universidade Federal do Ceará – UFC, ejmondragon@uniquindio.edu.co;

⁵ Professora orientadora: Doutora, Faculdade de Farmácia, Odontologia e Enfermagem- UFC, neyva.pinheiro@yahoo.com.br.

Este artigo é um recorte da pesquisa do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) intitulada “Intervenção Educativa para a Promoção da Resiliência em Adolescentes de Escolas Pública e Privada”

A adolescência é uma fase do desenvolvimento repleta de transformações físicas e comportamentais. Durante esse período vários fatores podem interferir diretamente nas escolhas e nos hábitos de vida destes indivíduos, contribuindo com a formação de sua identidade (PEREIRA, 2017).

Nesse sentido, a resiliência é a capacidade de um indivíduo de reagir e se recuperar de infortúnios, o que implica um conjunto de qualidades que promove um processo de adaptação e transformação bem-sucedida apesar dos riscos e adversidades, na interação com a família, seu meio social e cultural (CALLISAYA ARGANI, 2017).

Os jovens que são resilientes possuem uma maior capacidade de lidar com os problemas, são capazes de se adaptarem às situações estressantes e as adversidades enfrentadas ao longo da vida. Isso os ajudam a tornarem-se pessoas mais fortes no futuro (BARANKIN, 2013).

Nesse aspecto a escola apresenta-se como um lugar privilegiado de emergência e estimulação da resiliência, tendo um papel fundamental na socialização ao serem vivenciadas inúmeras situações, como, relações entre pares, confiança, amizade, competição, rivalidade, aprendizagem e descoberta do novo, facilitando a promoção da saúde do indivíduo. Assim, a escola oportuniza a transformação das estruturas sociais, e não apenas pela difusão de conhecimentos (PIETRO; YUNES; LIMA, 2014).

No contexto da enfermagem, a resiliência ainda é pouco explorada, o que implica na necessidade de estudos voltados para essa temática. Sabe-se o quão grande é o desafio de olhar o outro na sua dinâmica holística/integral, procurando observar além das aparências, motivando o uso de recursos internos e externos, esclarecendo, encaminhando e mobilizando recursos institucionais e comunitários (NEVES, 2016).

Diante do exposto, a relevância do presente estudo encontra-se associada ao benefício e a contribuição de intervenções educativas na promoção da resiliência em adolescentes escolares, uma vez que fortalece o desenvolvimento e a construção de mecanismos para o enfrentamento das adversidades, tornando-os seres mais resilientes.

Objetivou-se analisar os efeitos do Programa de Intervenção na Promoção da Resiliência: Ultrapassar Adversidades e Vencer Desafios, com adolescentes do Ensino Médio de duas escolas, uma pública e uma particular, da cidade de Fortaleza, Ceará.

Este artigo é um recorte da pesquisa do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) intitulada “Intervenção Educativa para a Promoção da Resiliência em Adolescentes de Escolas Pública e Privada”

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de intervenção realizado com 47 adolescentes, de agosto 2018 à julho de 2019, em uma escola da rede particular (E1) e uma da rede pública (E2) na cidade de Fortaleza-CE. A população foi composta por adolescentes de ambos os sexos, na faixa etária de 14 a 17 anos, devidamente matriculados no 2º ano do Ensino Médio de ambas as escolas. Foram considerados elegíveis para o estudo: adolescentes na faixa etária de 14 a 17 anos, apresentando frequência mínima de 75% na escola e consentimento dos pais e/ou responsáveis legais. Foram excluídos do estudo: adolescentes que foram transferidos da escola durante o período do estudo.

A coleta de dados foi realizada em dois momentos em uma sala de aula disponibilizada pela diretoria das instituições. O primeiro momento correspondeu à caracterização dos participantes, realizado através da aplicação de um questionário socioeconômico, com questões relacionadas a fatores biológicos e sociais, como: iniciais, idade, sexo, escolaridade, cor/etnia, religião, estado civil, moradia, número de residentes, trabalho dos pais e renda familiar.

No segundo momento, como pré-teste, foi aplicada a Escala de Resiliência de Wagnild; Young (1993), que foi traduzida e adaptada por Pesce e colaboradores (2005) para a população brasileira. Essa escala é um dos poucos instrumentos usados para avaliar os níveis de adaptação psicossocial positiva em face de eventos de vida importantes. Possui 25 itens descritos de forma positiva com resposta tipo likert variando de 1 (discordo totalmente) a 7 (concordo totalmente). Tem como finalidade identificar o grau de resiliência individual (competência pessoal, aceitação de si mesmo e aceitação da vida), características de personalidade positiva que aumentam a adaptação individual, aplicada a todas as idades, exceto crianças. A escala de Resiliência é composta por três domínios: “Resolução de Valores”, “Autoconfiança e Capacidade de Adaptação”, e “Independência e Determinação”.

Ressalta-se que cada adolescente levou cerca de 30 minutos para responder os dois instrumentos. Para realização da análise, os adolescentes foram divididos em três grupos (A, B, C), em que cada grupo corresponde a um nível de resiliência, que é estabelecido de acordo com a soma dos escores das respostas. Assim, pontuação >145 indica resiliência

Este artigo é um recorte da pesquisa do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) intitulada “Intervenção Educativa para a Promoção da Resiliência em Adolescentes de Escolas Pública e Privada”

moderadamente alta (grupo A); pontuação entre 125-145 pontos, resiliência moderadamente baixa a moderada (grupo B), e pontuação ≤ 124 pontos, resiliência baixa (grupo C).

O banco de dados foi digitado no Microsoft Excel (Office 365) para realizar as análises exploratórias. Esta etapa contou com testes, frequências absolutas, relativas e médias, apresentados por meio de tabelas e discutidos conforme literatura pertinente ao tema.

A pesquisa seguiu as observâncias éticas, de acordo com a Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde e foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Ceará (UFC) sobre protocolo nº 2.584.777.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos 47 adolescentes participantes do estudo, na escola pública, houve predominância do sexo masculino (52%; n=13), resultado semelhante a estudos realizados em escolas com adolescentes sobre o nível de resiliência de acordo com o impacto cultural, em que 59% dos participantes eram do sexo masculino (SANDERS, 2017).

Já na escola particular não houve diferença de sexo entre os adolescentes, sendo a porcentagem de 50% (n=11). Esse resultado é diferente do encontrado em um estudo que buscou identificar fatores familiares que influenciam o potencial de resiliência de adolescentes meninos e meninas, realizado na Região Metropolitana do Estado do Rio de Janeiro, onde a maior parte da amostra foi composta pelo sexo feminino (63,5%) (ROZEMBERG, 2014).

A média da faixa etária foi de 15 a 17 anos, em ambas escolas, o que se assemelha aos estudos dessa temática realizado com adolescentes entre 14 e 17 anos (SANDERS, 2017). Em relação à cor/etnia, houve a prevalência da cor parda (36,36%; n=8 em E1 e 68%; n=17 em E2), similar ao encontrado em um estudo acerca da resiliência e da família em que a cor de pele foi negra/parda com 56,5%, o que ratifica com o nosso estudo (VIEIRA, 2017).

Quanto à religião, houve prevalência de adolescentes católicos (54,54%; n=12 em E1 e 36%; n=9 em E2), o que condiz com a literatura de que os adolescentes são mais suscetíveis que as crianças e os adultos a comportamentos relacionados às ideias religiosas. Além do mais, a religiosidade promove um estado interno mais positivo como a autoestima e protege contra desfechos negativos internalizados (WECHSLER, 2017).

Este artigo é um recorte da pesquisa do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) intitulada “Intervenção Educativa para a Promoção da Resiliência em Adolescentes de Escolas Pública e Privada”

Quanto ao estado civil, todos os adolescentes estavam solteiros, o que condiz com a literatura que os adolescentes normalmente tendem a se envolver em relacionamentos mais sólidos a partir dos 17 anos de idade, diferentemente do início da prática sexual, que costuma ser precoce com média de 15 anos (SILVA, 2015).

Quanto à moradia, 60% moram em casa própria residindo com duas a quatro pessoas. A residência estável pode ser um fator da condição geral do indivíduo, pois reflete tanto nos aspectos materiais, quanto sociais, ou seja, as condições de moradias instáveis os tornam vulneráveis (ASSUNÇÃO, 2017).

Quanto à profissão dos pais e a renda familiar, houve prevalência do comércio (49,99%; n= 11 dos pais e 22,72%; n=5 das mães de adolescentes em E1 e 20%; n= 5 dos pais em E2) e do trabalho em casa (18,18%; n=4 das mães em E1 e 32%; n=8 das mães em E2), em que a maioria não soube ou não quis informar a renda familiar (63,63%; n=14 em E1 e 84%; n=21 em E2), e o restante sobrevivem com uma renda entre um a três salários mínimos (22,72%; n=5 em E1 e 12%; n=3 em E2), o que corrobora com os demais estudos relacionados a essa temática, em que a família vive com uma média de um a dois salários mínimos, podendo variar entre um a três salários (GIBSON, 2017).

A análise revelou que os adolescentes mais resilientes são os da escola particular (50%; n=11 classificados com resiliência baixa a moderada), do sexo feminino (63,63%) e os considerados menos resilientes são da escola pública (64%; n=16 classificados com resiliência baixa), sem diferenciação entre sexos (Tabela 1). Um estudo realizado por Rodríguez-Fernández et al. (2015) com 1250 adolescentes sobre resiliência e envolvimento escolar, com análise por sexo e nível de escolaridade, também obteve como resultado que as meninas são mais resilientes.

Os adolescentes mais resilientes são os do sexo feminino, dado paralelo aos achados na literatura, de que os homens seriam menos resilientes, porém com melhores capacidades espaciais, numéricas e mecânicas, e as mulheres, atingiriam maturidade física e psicológica mais cedo que os homens e seriam mais sociáveis e maternais, o que contribuiria na prevalência das mulheres como seres mais resilientes (NASCENTE, 2017).

Tabela 1 – Distribuição de frequência por grupos segundo respostas da Escala de Resiliência aplicada no pré-teste da escola particular e pública, Fortaleza-Ce, 2019.

Este artigo é um recorte da pesquisa do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) intitulada “Intervenção Educativa para a Promoção da Resiliência em Adolescentes de Escolas Pública e Privada”

| Grupos | Escola Particular | | Escola Pública | |
|--|-------------------|-------|----------------|-----|
| | n | % | n | % |
| A (>145 - resiliência moderadamente alta) | 2 | 9,09% | 1 | 4% |
| B (125 a 145 - resiliência moderadamente baixa a moderada) | 11 | 50% | 8 | 32% |
| C (\leq 124 - resiliência baixa) | 9 | 40,9% | 16 | 64% |

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Relacionado à idade, estudo aponta que a resiliência tem relação com sintomas psicológicos independentes da idade, não existindo diferenças na força de resiliência para as diferentes fases da idade (PETROWSKI, 2014). Nesse estudo os adolescentes entre 14 e 15 anos são mais resilientes do que os de 16 e 17 anos, equivalente a um estudo com adolescentes em que os que tinham em média 14 anos foram considerados mais resilientes (ROZEMBERG, 2014). No entanto, a literatura também aponta que os alunos entre 15 e 16 anos são considerados mais resilientes (BENINCASA *et al.*, 2017).

Quanto à cor/etnia, foi possível perceber que os adolescentes que se declaram de cor parda/amarela são os mais resilientes, resultado semelhante ao encontrado na literatura em que os adolescentes que se declaram de cor amarela foram considerados mais resilientes (COSTA, 2017; PETROWSKI, 2014).

Já em relação à religião, os adolescentes mais resilientes foram aqueles que se declaram católicos, achado distinto ao encontrado na literatura, em que os mais resilientes foram aqueles que não possuem religião (COSTA, 2017).

Quanto à moradia, os adolescentes mais resilientes foram aqueles que afirmaram morar em casa própria com até quatro pessoas, o que diverge do encontrado na literatura, em que os estudantes mais resilientes foram aqueles que moravam em casa alugada com duas pessoas (COSTA, 2017).

Este artigo é um recorte da pesquisa do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) intitulada “Intervenção Educativa para a Promoção da Resiliência em Adolescentes de Escolas Pública e Privada”

Em relação à profissão dos pais, os adolescentes mais resilientes foram aqueles em que as mães trabalham em casa. A boa relação com os pais contribui para a comunicação entre pais e filhos que, se favorável ao diálogo, pode influenciar na obtenção de informações corretas e em uma relação de confiabilidade com o filho adolescente (VALENTE, 2019). A inexistência do diálogo entre pais e filhos pode impactar negativamente na vida do adolescente, pois eles tendem a suprir essa falta de diálogo com outros, o que provoca distanciamento e contribui para futuros problemas (COSTA *et al.*, 2014).

Em relação à renda familiar, os adolescentes que sobrevivem com uma renda familiar de um salário mínimo, ou que não souberam informar a renda, foram considerados menos resilientes, o que corrobora com a literatura de que o subemprego e os trabalhos informais, que resulta em salários baixos são problemas que influenciam na resiliência (HILDEBRAND, 2019). Além do mais, viver em precárias condições socioeconômicas é uma vulnerabilidade que potencializa outras vulnerabilidades, uma vez que se associa à subnutrição, privação social e desvantagem educacional (ROZEMBERG, 2014).

Em relação aos domínios da escala de resiliência, após análise do pré-teste, percebeu-se que os adolescentes apresentaram escores baixos em alguns itens relacionados ao domínio “Resolução de Valores”. Este resultado diverge um pouco da literatura, em um estudo realizado com adolescentes em situação de pobreza, nesse domínio os adolescentes apresentaram elevados escores de resiliência (COSTA, 2017).

Os adolescentes apresentaram baixos índices em itens relacionados à “Autoconfiança e Capacidade de adaptação”, resultado semelhante ao encontrado na literatura em que os adolescentes em situação de pobreza também apresentaram escores baixos, o que demonstra que os adolescentes acreditam que não são capazes de administrar conflitos (COSTA, 2017).

Os domínios que apresentaram itens com elevados escores foram os relacionados à “Independência e Determinação”, o que não corrobora com a literatura em que os autores afirmam que, em relação à independência e determinação, os participantes apresentaram níveis médio-baixos, provavelmente por questões da própria adolescência e, por ainda estarem emocionalmente e financeiramente dependentes dos pais (OLIVEIRA *et.al*, 2015).

Destaca-se que as intervenções educativas realizadas no decorrer da pesquisa tiveram como objetivo influenciar de forma positiva sobre o nível de resiliência dos adolescentes. As intervenções na adolescência são importantes para favorecer a criação de oportunidades para Este artigo é um recorte da pesquisa do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) intitulada “Intervenção Educativa para a Promoção da Resiliência em Adolescentes de Escolas Pública e Privada”

o desenvolvimento das potencialidades de maneira efetiva, e devem-se levar em consideração os recursos e as mudanças pertinentes aos adolescentes nas capacidades e habilidades pessoais, por isso é essencial que as propostas de intervenções sejam centradas na aquisição de conhecimentos, atitudes e valores em sua vida (PEREIRA *et al.*, 2017).

Dessa forma, o ambiente escolar constitui-se como um importante espaço para formação cidadã de adolescentes, preparando-os para conviver e agir em sociedade mediante mecanismos de sociabilidade e integração entre as diferentes visões de mundo (BRANDÃO NETO *et al.*, 2014). A escola é como o segundo lar para os adolescentes, com a finalidade de ampliar conhecimentos, desenvolver comportamentos, colaborar na formação para a vida adulta destacando-se como apoiadora para as famílias e como elo para adolescentes e famílias, adolescentes e sociedade (DE SOUSA, 2014).

O pós-teste foi realizado 1 (um) dia após a intervenção, pois, além de considerar que a aprendizagem é relativamente durável ou permanente, é uma forma eficaz de avaliar as intervenções (BASTABLE, 2010). O processo de análise seguiu o mesmo critério do pré-teste, em que os adolescentes foram divididos em três grupos (A, B, C), de acordo com seu grau de resiliência.

Apenas 44 adolescentes responderam ao pós-teste, devido à ausência de 3 participantes na escola particular no dia da aplicação. Após análise, identificou-se que o grupo mais resiliente pertence a escola particular (68,42%; n=13), classificados com resiliência moderadamente baixa a moderada (grupo B), com prevalência de 53,84% (n=7) do sexo feminino, enquanto na escola pública houve prevalência dos grupos B (resiliência moderadamente baixa a moderada), sem diferenciação entre sexos e C (resiliência baixa) em igual porcentagem (48% n=12), este último com uma predominância do sexo masculino (28%; n=7) (Tabela 2). Esse resultado é semelhante ao encontrado no pré-teste e ao estudo de Rodríguez-Fernández *et al.* (2015), porém vai de encontro ao resultado de um estudo sobre a influência da resiliência nas diferentes dimensões da qualidade de vida relacionada à saúde, onde observou-se que os meninos possuem valores mais elevados de resiliência (SIMÓN-SAIZ *et al.*, 2018).

Tabela 2 – Distribuição de frequência por grupos segundo respostas da Escala de Resiliência aplicada no pós-teste da escola particular e pública, Fortaleza-Ce, 2019.

Este artigo é um recorte da pesquisa do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) intitulada “Intervenção Educativa para a Promoção da Resiliência em Adolescentes de Escolas Pública e Privada”

| Grupos | Escola Particular | | Escola Pública | |
|--|-------------------|--------|----------------|-----|
| | n | % | n | % |
| A (>145 - resiliência moderadamente alta) | 1 | 5,26% | 1 | 4% |
| B (125 a 145 - resiliência moderadamente baixa a moderada) | 13 | 68,42% | 12 | 48% |
| C (\leq 124 - resiliência baixa) | 5 | 26,31% | 12 | 48% |

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Após a aplicação do pós-teste, percebeu-se que houve aumento nos escores, na escola particular: 7 (sete) itens do domínio “Resolução de Valores”, 3 (três) do domínio “Autoconfiança e Capacidade de Adaptação” e 3 (dois) do domínio “Independência e Determinação”; na escola pública: 5 (cinco) fazem parte do domínio “Resolução de Valores”, 4 (quatro) do domínio “Autoconfiança e Capacidade de Adaptação” e 2 (dois) do domínio “Independência e Determinação”, o que demonstra que as intervenções educativas contribuíram positivamente com o nível de resiliência dos adolescentes que participaram da pesquisa. Esse resultado é confirmado através do estudo que aponta que a escola, depois da família, é o lugar que mais promove resiliência, sendo as intervenções importantes, pois ajudam o adolescente a adquirir uma maior autoconfiança e autonomia, tendo assim uma visão otimista do futuro (TAK, 2018).

Saber lidar com as formas de promover a resiliência é a chave para formar pessoas livres, mais autoconfiantes, responsáveis e indivíduos mais perseverantes. Para isso, a escola possui funções que vão muito além da (re)produção do conhecimento. Faz-se importante incentivar os alunos, investindo na escola como um espaço que contribuirá para a promoção de saúde, de qualidade de vida e de bem-estar para crianças e adolescentes (SOUTHWICK, CHARNEY, 2018).

Este artigo é um recorte da pesquisa do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) intitulada “Intervenção Educativa para a Promoção da Resiliência em Adolescentes de Escolas Pública e Privada”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aplicação do pré-teste possibilitou traçar um perfil inicial dos adolescentes que participaram da pesquisa, na escola pública e privada, além de contribuir na tomada de decisão em relação às intervenções que deveriam ser realizadas.

Os adolescentes mais resilientes são da escola particular, do sexo feminino e os considerados menos resilientes são da escola pública, predominantemente do sexo masculino. Em ambas as escolas houve maior prevalência de respostas com maior escore no domínio “Resolução de Valores”, demonstrando determinação e motivação entre os adolescentes.

Apesar das intervenções educativas realizadas terem grande importância na promoção da resiliência dos adolescentes, tanto no pré-teste como no pós-teste a maioria dos participantes se enquadraram na classificação de resiliência moderadamente baixa a moderada, demonstrando dessa forma a necessidade e a importância de novas intervenções com o objetivo de promover o desenvolvimento de habilidades pessoais, tornando-os cada vez mais resilientes.

REFERÊNCIAS

ASSUNÇÃO, A.Á.; LIMA, E.P.; GUIMARÃES, M.D.C. Mental disorders and participation in the labor market: a multicenter national study in Brazil. **Cad de saude publica**, v. 33, n. 3, 2017.

BARANKIN, T. Aperfeiçoar a resiliência de adolescentes e suas famílias. **Adolescência e Saúde**, v. 10, n. 2, p. 17-22, 2013.

BASTABLE, S.B. **O enfermeiro como educador: princípios de ensino-aprendizagem para a prática de enfermagem**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

BECKER, A.P.S.; MAESTRI, T.P.; BOBATO, S.T. Impacto da religiosidade na relação entre pais e filhos adolescentes. **Arq Brasileiros de Psicologia**, v. 67, n. 1, p. 84-98, 2015.

BENINCASA, M. *et al.* Qualidade de vida e resiliência em estudantes do ensino médio: um estudo epidemiológico na cidade de São Paulo. **Psicologia Revista**, v. 26, n. 2, p. 363-383, 2017.

BRÊTAS, J. R. S. *et al.* Aspectos da sexualidade na adolescência. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 7, p. 3221-3228, 2011.

Este artigo é um recorte da pesquisa do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) intitulada “Intervenção Educativa para a Promoção da Resiliência em Adolescentes de Escolas Pública e Privada”

CALLISAYA ARGANI, Juana Isabel. Análisis de la resiliencia de un adolescente en situación de riesgo por consumo de alcohol. *Fides et Ratio-Revista de Difusión cultural y científica de la Universidad La Salle en Bolivia*, v. 13, n. 13, p. 41-58, 2017.

COSTA, M.I.F. **Adolescentes em situação de pobreza: resiliência e vulnerabilidades às IST/HIV/AIDS**. 2017. 111 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Enfermagem, Departamento de Enfermagem, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017.

DE ARAUJO, M.F.; DELLAZZANA-ZANON, L.L.; ENUMO, S.R.F. Projeto de vida em adolescentes: análise pelo software IRAMUTEQ. **CIAIQ2019**, v. 2, p. 1060-1069, 2019.

DE SOUSA, F.G.M. *et al.* Significados de família sob o olhar de pais de adolescentes escolares. **Ver da Rede de Enfer do Nordeste**, v. 15, n. 3, p. 480-490, 2014.

ERLICH, V.H.P.; ZIBETTI, M.R.; GOMIDE, P.I.C. Avaliação de um Programa de Desenvolvimento de Habilidades Acadêmicas em Adolescentes no Regime de Internação em Unidade de Socioeducação. **Trends in Psychology**, v. 27, n. 2, p. 325-337, 2019.

GIBSON, M. *et al.* Welfare-to-work interventions and their effects on the mental and physical health of lone parents and their children. **Cochrane Database of Systematic Reviews**, n. 8, 2017.

HILDEBRAND, N.A. *et al.* Resiliência e problemas de saúde mental em crianças e adolescentes vítimas de violência. **Rev. Saúde Pública**, v. 53, p. -, 2019.

MATA, L.; PACHECO, P.; MACKAAIJ, M.J. Práticas de literacia familiar–concepções de papel e percepções de eficácia em famílias de crianças no início de escolaridade: westudo longitudinal. **Educar hoje: Diálogos entre psicologia, educação e currículo**, p. 277-294, 2019.

MATA, S.S.R. *et al.* Capacidad de resiliencia según tendencia religiosa y género en universitarios. **Revista Electrónica de Investigación Educativa**, v. 21, n. 1, p. 1-11, 2019.

NASCENTE, R.M.M.; DE MENEZES, M.C.K.; GUARNIERI, P.K. Imbricações entre violência, indisciplina e gênero em livros de ocorrências escolares. **Educação em Perspectiva**, v. 8, n. 2, p. 159-176, 2017.

NEVES, A. N.; HIRATA, K. M.; TAVARES, M. C. G. C. F. Imagem corporal, trauma e resiliência: reflexões sobre o papel do professor de Educação Física. **Psicol. Esc. Educ.**, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 97-104, jan./abr. 2016.

NICOLL, M.; NICOLL, W. **The resilience focused family culture: Raising parent & child ‘RQ’s’ (resilience quotient)**. Documento providenciado pelos autores durante a 5ª Conferencia ENSEC, 2015.

OLIVEIRA, E.F.; JESUS, V.S.; SIQUEIRA, S.M.C.; ALVES, T.A.; SANTOS, I.M.; CAMARGO, C.L. Promoting health in vulnerable communities: social technologies for poverty reduction and sustainable development. **Rev Gaúcha Enferm**, v.36, p.200-6, 2015.

Este artigo é um recorte da pesquisa do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) intitulada “Intervenção Educativa para a Promoção da Resiliência em Adolescentes de Escolas Pública e Privada”

PEREIRA, T.S. et al. Influência de intervenções educativas no conhecimento sobre alimentação e nutrição de adolescentes de uma escola pública. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 22, n. 2, p. 427-435, fev. 2017.

PESCE, R. P. et al. Adaptação transcultural, confiabilidade e validade da escala de resiliência. **Cad. Saúde Pública**, v. 21, n. 2, p. 436-448, 2005.

PETROWSKI, K.; BRÄHLER, E.; ZENGER, M. The relationship of parental rearing behavior and resilience as well as psychological symptoms in a representative sample. **Health and quality of life outcomes**, v. 12, n. 1, p. 95, 2014.

RODRÍGUEZ-FERNÁNDEZ, A. et al. Resiliencia e implicación escolar en función del sexo y del nivel educativo en educación secundaria. **Aula Abierta**, v. 44, n. 2, p. 77-82, 2016.

SANDERS, J.; MUNFORD, R.; BODEN, J. Culture and context: The differential impact of culture, risks and resources on resilience among vulnerable adolescents. **Children and Youth Services Review**, v. 79, p. 517-526, 2017.

SILVA, A. de S. N. et al. Início da vida sexual em adolescentes escolares: um estudo transversal sobre comportamento sexual de risco em Abaetetuba, Estado do Pará, Brasil. **Revista Pan-Amazônica de Saúde**, v. 6, n. 3, p. 27-34, 2015

SIMÓN-SAIZ, M.J. et al. Influencia de la resiliencia sobre la calidad de vida relacionada con la salud en adolescentes. **Enfermería Clínica**, v. 28, n. 5, p. 283-291, 2018.

SOUSA, A.P.P.A.; SANTOS, C.S.V.B.; FERREIRA, M.M.R.S. Construir a confiança para o parto: avaliação de um programa de intervenção em enfermagem. **Rev de Enfermagem Referência**, n. 20, p. 27-36, 2019.

TAK, Y.R et al. “Secondary Outcomes of a School-Based Universal Resiliency Training for Adolescents: A Cluster Randomized Controlled Trial.” **BMC Public Health** 14: 1171. PMC, 2014.

VALENTE, J.Y. et al. Ensaio clínico randomizado para mudar as práticas de uso de drogas dos pais em um programa telessaúde de prevenção: estudo piloto. **Jornal de Pediatria**, v. 95, n. 3, p. 334-341, 2019.

VIEIRA, E.M. et al. Gravidez na adolescência e transição para a vida adulta em jovens usuárias do SUS. **Revista de Saúde Pública**, v. 51, p. 1-11, 2017.

WECHSLER, A.M. et al. Fatores contribuintes para a resiliência de adolescentes com câncer: um estudo piloto. **Psicologia, Saúde & Doenças**, v. 18, n. 3, p. 724-738, 2017.

YUNES, M.A.M.; PIETRO, A.T.; DE LIMA, E.D. Programa de intervenção psicoeducacional para professores: a escola como espaço de proteção em casos de abuso sexual. **REEC: Rev electrónica de enseñanza de las ciencias**, v. 13, n. 1, p. 1-17, 2014.

Este artigo é um recorte da pesquisa do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) intitulada “Intervenção Educativa para a Promoção da Resiliência em Adolescentes de Escolas Pública e Privada”